

Director-Editor

FERREIRA DA SILVA

A quem deve ser dirigida toda a correspondência

Endereço telegraphico
«ALGARVE» — Faro

Não se restituem originaes, sejam ou não publicadas, e não se recebem informações anónimas

Redacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 18 de abril de 1920

ASSINATURAS

Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Hespanha 6 mezes... \$80

Colonias e Estrangeiro... \$125

COMUNICADOS E ANUNCIOS

N.º 3.º e 4.º pagina, cada linha \$6

Nas outras paginas, contracto especial

Composto e impresso na Typo

grafia d'«O Algarve»

RUA DE ALPORTEL, N.º 23 — FARO

O futuro de Portugal pela agricultura

Por intermedio do *Jornal de Melgaço*, que o transcrevem em lugar principal, como merece, tomamos conhecimento dum excelente e util artigo publicado no *Diário do Minho*, sob o titulo «Revista Economica».

Neste se alude com justas e verdadeiras palavras á nossa actual situação economica, que o auctor classifica de grave mas não assustadora.

Concordamos em absoluto com essa opinião, por isso que de forma alguma se póde considerar grave a situação dum paiz que, como o nosso, possui magnificas condições de vida e de progresso. Somos um paiz rico mas que desperçamos a riqueza... para a deixarmos usufruir pelos estrangeiros. Assim acontece com as indústrias, com o commercio, com as explorações de minas, quedas de agua, etc.

Egualmente concordamos, e muito, com o auctor do já citado artigo, quando ele afirma que a salvação principal da crise que atravessamos, reside na agricultura. Sem duvida, mas com um aditamento: é que para ser eficaz essa salvação tem de ser bem orientada, bem estudada, e... verdadeiramente praticada pelos governantes. Porque uma das coisas que mais o tem prejudicado é que os governos e os parlamentos decretam á tour e á travess sobre os mais variados problemas de interesse agricola, muitos dos quaes constituindo velhas aspirações de propagandistas, mas, tudo fica no papel...

Lembra-nos, a proposito, um facto relativamente recente: Um ministro dos abastecimentos fez publicar um decreto, segundo o qual, seriam recompensados com a ajuda do Estado (distribuição gratuita de semente, adubos, etc), os proprietarios que se encarregassem de cultivar terrenos que desde um certo praso estivessem incultos.

Deu-se este facto no momento mais melindroso da guerra e portanto a medida estadual produziria sem duvida grandes beneficios para o paiz.

Pois bem: dum lavrador sabemos nós que tendo tomado a seu cargo o desbravamento dum vasto terreno inculto, ainda hoje está á espera do tal beneficio prometido pelo ministro dos abastecimentos...

Ora este criterio de que, infe-

lizmente, muito se usa e abusa em Portugal, teve alem da desvantagem de prejudicar o paiz, deixando de adoptar medidas de grande utilidade, de descontentar e fazer afastar do caminho do progresso, os homens que tem vontade de trabalhar.

Reportemo-nos agora ao referido artigo do *Diário do Minho* e com o desejo de que os legisladores e os parlamentares do nosso paiz compreendam o vasto alcance moral e material do alvitre nele apresentado, reproduzimo-lo a seguir e firmamos assim com a consciencia tranquila por termos cumprido um dever:

«O governo chamaria á sua administração todo o terreno que não se apresentasse arborizado intensamente ou cultivado dentro de dez mezes. Esse terreno seria imediatamente partido em lotes, tão regulares quanto possível de 2 hectares, e entregá-los-se-iam ás famílias cujos chefes os requisitassem, fornecendo-lhes ainda o governo semente e utensilios, e isentando de contribuições durante alguns anos os casaes assim formados. Quantos hectares deviamos dar a cada casal? Poderíamos dar 10 hectares, isto é, o terreno dum quadrado de 3330 metros de lado. O proprietario actual, que o traz inculto seria ressarcido pagando-se-lhe 100\$000 réis e não merecia nada por trazer improdutivo o solo. Estes casaes teriam uma regulamentação especial, de forma a um praso determinado, o Estado cobrar as relativamente pequenas quantias agora dispensadas.

Póde chamar-se uma utopia; é factível.

E tem resposta para qualquer objecção. Encontrar-se-hia terra disponível para os pretendentes?

—Sim senhor, poderíamos alorjar até mesmo milhões de famílias paulatinamente. Mas o nosso plano não era tanto fazer a distribuição de pequenos casaes de trabalhadores, subsidiarios da maior industria agricola.

Suponhamos agora que apenas uma familia, composta de pai, mãe e dois ou tres menores, se aproveita da oferta do governo, preferindo a vida estável de pequeno proprietario, á de esfaimada de esquina e de tugúrio.

10 hectares podiam desde logo

começar a produzir hortaliças, que veem rapidamente, para tentar a vida dos novos proprietarios, mas não deixariam de criar seus porquinhos, galinhas, carneiros, tudo o que era aumento de riqueza ponderavel. Mas, deixando isso de parte e atendendo só á cultura propriamente dita e até mesmo sem grandes primores de cultivo (como póde fazer um agriculor moderno e instruido) repare-se:

1 hectare de horta póde alimentar 40 pessoas,

5 hectares de milho, produziriam 1.000 alqueires. Dos quatro hectares restantes é facil inferir que um lavrador bem dirigido tiraria sufficiente fruta, vinho, lã, pasta para animais domesticos, afora incalculaveis riquezas subsidiarias, em cada um dos mil productos, que um lavrador bem industrioso sabe tirar da terra. Não é portanto exagerado (pelo contrario) supor que, além de bem alimentados, e gosando excelentes comodidades, os proprietarios desses casaes, podiam contribuir para o aumento da riqueza publica com dez contos annualmente, livrando-nos da pesada contribuição que ao estrangeiro pagamos para comprar trigo, milho, carne... tanta coisa que aqui podiamos produzir.

Dez contos! Rízivel quantia, não é? Mas 10 destes casaes representam 100 contos; 100 mil contos; 1000, dez mil contos.

O Estado sem preocupações deve reviver as energias do povo: é a unica salvação.

D'accordo. E acrescentamos que em nenhum outro ponto deveríamos achar melhor essa salvação que na agricultura que é a industria mais bela e mais rendadora que existe.

Tem além disso o condão de tornar o homem sadio e independente: sadio porque a Natureza é o melhor medico e os trabalhos do campo proporcionam uma hygiene incomparavel; independente, porque fornecendo a terra tudo quanto o homem precisa, sem necessidade de patrão nem subserviências, póde o homem ser livre, com o seu futuro garantido e com direito a legar a seus filhos um justo e bom patrimonio.

Oxalá estas despretenciosas palavras fossem ouvidas e compreendidas pelos governantes.

Navios ex-alemaes

Um telegrama de Inglaterra comunique que em junho proximo devem estar no Tejo cinco dos navios cedidos pelo governo portuguez á casa Furness.

ECOS DA SEMANA

O indulto

A' hora a que escrevemos nada ha ainda resolvido sob o indulto a conceder aos presos politicos. Pena é que tal aconteça. Numa epoca em que todos falam em reconciliação da familia portugueza, não se compreende que as cadeias estejam pejudicadas de creaturas cujo unico crime foi pensar de maneira diferente daqueles que mantem essas prisões.

A justiça do indulto está bem justificada no facto do mesmo ter sido solicitado por individualidades das mais categorizadas no meio commercial, bancario, medicos, advogados, homens de sciencia, etc.

O indulto impõe-se. Mais do que um acto humanitario é um acto justiceiro. E mal irá o governo e o proprio regimen, se em vez de ouvir a voz da Justiça e da Humanidade, ouvir a voz interesseira e odienta dos que dizendo-se seus amigos, protestam contra a libertação dos presos politicos.

A provincia sempre esquecida

Pelo industrial portuense sr. Manuel Pinto de Azevedo, foi oferecido ao governo por á disposição do mesmo, cinco mil metros de kakt e outros tantos de ganga ou sejam 10.000 por semana, á razão de 1.500 reis cada metro, sendo de excelente fabrico.

O sr. ministro do Comercio está tratando de promover a venda desses artigos nos Armazens do Chiado e Grândola. Isto é, em Lisboa. Só Lisboa tem necessidade de vestir barato.

Nas provincias, como, por exemplo na do Algarve, onde os tecidos para fatos, custam carissimo, não se torna necessario aproveitar o oferecimento do industrial em questão...

Quando terminarem estes injustificados favoritismos?

Um bom negocio

Ha em Miranda do Douro um curioso cavalheiro, que faz negocio com cães, comprando-os por bom preço, engordando-os e esportando-os depois.

O negocio é excelente. Os cães vão para a Hespanha. Ali matam-nos e arrancam-lhe a pele com que se fabricam luvas que podem depois ser compradas... pelos donos dos cães e por bom preço.

Trata-se sem duvida dum bom negocio, pois não admite quebras e não rareia a materia prima...

Avenida da Rocha

O ministro do comercio sr. Lucio d'Azevedo, que é nosso comprouvino, ordenou o inicio immediato dos trabalhos da Avenida da Praia da Rocha, a partir da casa Maravilhas, em conformidade com o estudo ha muitos anos aprovado pelo Conselho Superior das Obras Publicas e para que já se destinou uma dotação de cinco mil escudos:

UMA CONFERENCIA MUITO NOTIVEL

O socialismo desenvolve o absurdo da luta de classes e dá o trabalho como quasi o unico factor da produção. Não separemos actividade humana da personalidade humana; o trabalho, deve, ser elevado acima da mercadoria, os capitães auxiliam o trabalho e o operario deve ser por assim dizer o associado do patrão devendo suprir-se ás luctas de classe. Ha que riscar o principio da amizade entre o capital e o trabalho e a influencia do socialismo que o proclama. Mas uma cousa é a participação nos lucros e outra é a direcção dos negocios que competem a quem afronta os riscos. Sem afrontar esse risco não haveria negocio. Quando o capital não afronta esse risco, não tem a direcção como sucede com o capital obrigados do capital bancario em negocios alheios.

Quando o operario trabalha por conta propria e afronta os riscos de produção tem a direcção administrativa do seu negocio. No regimen industrial moderno quem arrisca é o capital industrial por isso a ele cabe a direcção. Ao operario cabe a segurança do salario e a submissão á essa direcção como sucede com as obrigações que tem juro ou lucro certo.

Deus deu ao homem a terra que não produz sem sacrificio e sem fadiga. Não é dado a outrem colher o que custou trabalho, mesmo para conveniencia do aumento de produção. Aquelle que tirou a terra da sua infecundidade tirou-a do estado de comunidade em que se achava.

As associações socialistas que deviam ter um fim economico sahem do seu fim para crearem esse monstro que se chama a greve politica, com a boicotagem do sabotege e vão até ao atentado pessoal.

A sindicacão é lucta plausivel e cristã, mas não deve sair do proprio sindicato nem atacar o interesse supremo social seja ele de patrões seja de operarios.

A associação de capitães para acaparamento de mercadorias é contra o interesse geral, é uma associação de forças dos. Uma associação de medos que se apressa

a sociedade, querendo proclamar greves para obter mais ganancia seria uma associação de criminosos. Uma associação de operarios para prejudicar a comunidade, o paiz, a sua Patria só com a mira no egoismo da classe, que nome deve ter? Os operarios são antes privilegiados? Até quando a sociedade ha-de suportar greves como recentemente em França em que por uma suspensão de dois dias a um operario se suspendeu e arrastou a vida nacional?

O interesse particular alheio que seja muito extenso não se póde pospor ao interesse geral. Quanto maior é o interesse do sindicato mais injustiças promove se usa da força.

Nas sociedades modernas é o direito e não a força que as deve reger. Assim a sociedade que defende a pesca dos pescadores, a caça dos caçadores, a propriedade contra os proprietarios não pode consentir um estado absoluto impondo leis que a prejudiquem.

A liberdade individual, esse apago do homem livre quantas vezes é no sindicato coagido pela maioria o que é um atentado ás faculdades do homem que não deve ser obrigado a seguir determinada profissão, nem operar conjuntamente por fins de associação?

Reflexionemos mas a reflexão é a luz que alumia. O que é necessario é salvar aquilo que o homem mais ama, o lar que o reconforta e alimenta, a propriedade onde poz o zelo do seu esforço e intelligencia, o Estado que o ampara, a Patria em que nasceu e em cuja bendita terra tem que dormir, a Religião que o conduz a Deus. E se a grandeza da empreza vos tenta com desfalecimentos, penseis que sem lar em que reponer, sem que os frutos do nosso trabalho sejam vossos e os possamos fixar na terra para prever o futuro sem um Estado colocado acima de todas as classes sociais e que a todos faça justiça, sem uma Patria que nos ponha em comunicação com nossos antepassados que dormem, e com nossos sucessores que viverão; sem Deus, a vida não vale a pena de ser vivida. Disse...

NOTAS

COMENTARIOS

Não ha meio de nos convencermos, que temos que tomar juizo! Mal são solucionadas umas greves, outras surgem logo a dificultar o andamento de tudo isto, complicando o problema nacional, dificultando a acção daqueles que tem por missão dar rumo ao barco.

Não pertencemos ao numero dos que lançam todas as culpas para as classes que se movimentam. Não. A culpa está um pouco nelas e um pouco nos dirigentes.

A vida está cheia de mil dificuldades e os governos tem obrigação de ir ao encontro das justas aspirações dessas classes, para evitar movimentos que tem como consequencia um agravamento de vida, a contribuir para a ruína que se anuncia. Mas as classes pro-

letarias tem o dever de não dificultar a acção governativa com movimentos grevistas que possam evitá-los.

Ha meios suaves de reclamar e é preciso emprega-los em primeiro lugar. É necessario olhar para as condições em que se encontra o tesouro publico, que não póde satisfazer to das as exigências, porque não é inexgotavel.

Muito tem de aturado!

Mas não ha erros passados que possam justificar os presentes! Satisfacem-se todos, dentro das forças do tesouro, mas que todos se compenhem que só o trabalho aturado nos pode salvar e que a continuacão de movimentos tendentes a paralisar a actividade nacional, só nos póde conduzir á ruína!

Não fiquem duvidas e minimizem:

A vida está cara; mas a vida não ganha para comer passou a ser moda, passou a estribilho vulgar! Olhe-se para o aspecto nacio-

Contos de O ALGARVE

OS MOLEIROS

Avistavam-no de longe assomado na colina, e as sombras das suas grandes azas pairando, dançavam na terra, ao sol, uma endemoinhada fantasmagórica, e ainda pela noite dentro, a citola taramelava, porque tanto o trigo acumulado nas trilhadas, e sempre a chegarem cargueiros, que o moleiro gravava sem descontinuar, e os depositos, em vez de diminuírem, cresciam como por milagre.

Recovas cruzavam-se no caminho, abaixo e acima, com um alegre trolar de thocchos e vozeas de almoceiros.

E o moleiro, no limiar do moinho, presidia orgulhosamente ás descargas das almarias, fiscalizando as contagens dos serões e emprezando, com delongas, a entrega da farinha.

Rico era ele! Oh! se era!...

claro, a caminhar pela eira, entre dois comataes, vezes as quaes, os desceia por veredas, revessas da mata. Seriam amores?

Não eram.

Dizia-se, á boca pequena, que ela tinha encontros com o diabo em certo carvão do bosque, onde gofava, como nascida no inferno, uma agua empofrada e fervente.

Mas a verdade era outra: O moleiro morria-se de inveja de um vizinho, pobre homem, dono de uma tira de terra, que não dava mais que dois carros de trigo, e de uma azenha á beira do correio.

Ele, sozinho, lavava o seu alfobre, cantando, calava, recolhia as gavetas, debulhava as espigas, e depois de muito, escardear levava o grão a moer.

E a farinha que saia era branca como o luar e cheirava a flor.

Mal começava a moagem, logo dizia na aldeia:

«Aroma de trigo novo... É da azenha.

Não tarda aí o famulo do bispo a buscar farinha para as hostias.

E o moleiro da colina, quando tal uvia arreprelava furiosamente as barbas.

«Pois então ele, moleiro rico, só havia de trabalhar para vilões, e outro, um quasi mendigo, teria a gloria de fornecer ao altar!

Uma noite, raiando, desceu com es atoea á margem do correio, e vendo luz na azenha, bateu. Abriu-se logo o postigo e, com uma lanterna levantada á altura dos olhos, o moleiro appareceu perguntando: «Quem está?»

— Eu, vizinho. Vi luz na azenha e, receoso de que vos houvesse acontecido alguma coisa, bati.

Não, vizinho. Graças a Deus, para quem trabalho, nada me aconteceu. Aqui estou em serão com as aguas, porque tenho de dar trigo para hostias.

Ha trez dias que não faço outra coisa senão sessar farinha.

— Trez dias!

— E porco é o tempo, que eu, se pudesse, ainda o dilatava, para que o meu trigo, que é todo candil, saisse tão limpo que nele não se achassem vestígios de sezanis. Mas, é tão difficil apurar que, por mais que se escoeio, sempre aos escapam milhares de joio.

— E quantos sacos moeis?

— Cinco, no maximo, e quando a safra é abundante.

— Pois eu, num dia, empilho cem—dize o moleiro da colina.

— Acredito, vizinho, porque a vossa farinha tem todo a parte apparece. Mas, o pão que, com ela, fazem, dizem no todos, logo depois de cozido azeda e torna-se tão duro que o mendrugo que, dele, dão aos pobres fica na escassa e nem os cães o querem.

Para que dá boa farinha, não só pede o trigo terra propria, sol e rega, orvalho e chuva, amanho e limpa, meda em seco, como escolha cuidadosa, canoura assada, mo e peso, joela e tamiz e, ainda assim não sairá de todo estremo.

O vosso trigo, tal como o recebeis, assim o lançais na tremalha. O resultado é sempre sair a farinha palhica e com elva, que a torna escura e amarga.

— Tendes razão, vizinho—tornou o rico, com ironia:—A vossa farinha é excelente e a minha só se aproveita em bordas.

Mas, porque será que o meu pão enriquece e o vosso, tão puro, não dá, sequer, para a vossa fome?

— Da para mais, vizinho, para muito mais do que o vosso, porque contemta me o coração.

Para minha felicidade e gloria, basta-me o candil que tiro, dno cheiroso e alvo e dou-me por bem pago dos trabalhos e venturosos da maior fortuna, quando, aos domingos, entro na igreja e vejo o sacerdote levantar a hostia e toda a gente prostar-se, diante dela, hostia do meu trigo, trigo do meu campo, semeado, colado, moído por mim.

Coeelho Neto,

A Russia bolchevista

O estrangeiro que chegasse a Petrogrado em abril de 1918 com legítima inquietação de homem honrado que penetra num antro devia sofrer uma desilusão. Contrariada a expectativa a cidade de Pedro-o-Grande conserva um aspecto normal, muito burguez e pouco revolucionário.

Nas suas largas avenidas desembaracadas das suas neves conservam-se perfeitamente limpidas. Todos os estabelecimentos estão abertos e as luxuosas montas ostentam aos olhos dos transentes ociosos as suas riquezas como habitualmente.

Sobre os seus passeios largos a multidão circulava socegradamente e sob as arcadas do «gastinior» à esquerda da Sadovia algumas mulheres de aspecto duvidoso continuavam pescando o transeunte, o que prova não ser verdade como o diz o jornal a *Batalha* que a prostituição desapareceu na Rússia desde o advento do bolchevismo.

O mesmo sucedia noutras cidades da Rússia onde a tranquilidade é absoluta, porém no campo bandos de malfetores roubavam e assassinavam os passíficos habitantes.

Estes factos notaram-se na Rússia desde o primeiro dia do advento do bolchevismo.

No próprio dia 25 de outubro, enquanto Lenin executava o seu golpe de Estado a multidão enchia os teatros.

Atualmente Petrogrado está mais deserto e sombrio, porém o aspecto geral da cidade mantém-se o mesmo: pacífico, indiferente e banal.

Mas se passando por cima desta primeira impressão de conjunto o nosso viajante levava mais longe o seu exame numerosos detalhes não deixariam de parecer-lhes muito pitorescos e... um tanto inquietadores.

Na perspectiva Newsky encontraria um general, vertendo um grande manto de cerceadora vermelha, a vender o jornal da tarde, que, mais longe, era apregoado por uma jovem da primeira sociedade. Aqui um goroto vendia um pau de chocolate ao preço de

170000 réis, cada cem grammas. O cochoir o pede 150000 réis por uma corrida. A magra refeição no Hotel da Europe custava 40000 réis.

Em 25 de abril um atmoço para duas pessoas no restaurant Medvedj constando duma omelete, um bocado de carne, uma garrafa de vinho russo e um café custava 70000 réis.

Um fato completo custa a pequena fortuna de um conto e quinhentos mil réis, etc., etc.

Oh! como a vida é barata no paraíso terrestre da Rússia bolchevista!

Mas deixamos já o nosso viajante, espectador e entremes, numa noite desse mesmo mez de abril no vasto salão do «quai Inglez» onde em torno de breges estão sentados os jogadores. É meia noite.

Os bancos por ordem do governo bolchevista não forneciam mais de cento e cinquenta mil réis por por mez a cada depositante e na verbera, Lenin e seus amigos tinham resolvido auxiliar os emprestimos e destruir os títulos.

Nessa manhã duas damas que tomavam parte nas ceias do salão foram obrigadas a descer à rua e apressar o seu quinhão de trabalho na limpeza da neve sob vigilância de dois «guardas vermelhos» rapazes crapulosos dos bairros duvidosos.

Entre duas partidas de bridge e dois gracejos dá-se ao regimen bolchevista ainda um mez de vida... e depois seria o regresso puro e simples aos belos tempos do antigo regimen.

Mas é preciso não se ver nesta antude uma bravata elegante contra as contingências da sorte ou qualquer demonstração de nobreza de sentimentos. Nada disso. É apenas um gesto machinal dum vida que continua até que tenha desaparecido a ultima nota ou até que a coronha das espingardas da guarda vermelha ressoe na antecâmara amanhã... talvez daí a pouco. A indiferença desta gente não domina os acontecimentos, suporta-os com ataliso e paciência.

José Filipe Alves.

(Continua)

verdadeira fome, de verdadeira miséria, abaixo de si! Miseráveis que morrem de fome, envergoados nas vossas mansardas escuras, ou agonizando à beira das estradas, não morreréis sem o meu protesto e sem as minhas preces! Os governos esquecem-se de vós e os vossos irmãos que clamam igualdade, tem o nível no estomago. Desejaria ser Deus para poder salvar vós e Diabo para vergastar toda esta cambadal...

Manuel Caetano de Sousa

A carestia da vida

Pretextando o aumento das tarifas o carvão em Faro vende-se, por favor, ao exagerado preço de 150 réis cada kilo.

Para obviar a este mal, porque não imita a comissão do nosso Celheiro a sua congénere de Beja que faz publicar no novo colega «O Porvir» o seguinte anúncio?

«Carvão vegetal a 80 réis cada quilo, vende o Celheiro Municipal de Beja, no depósito junto ao Matadouro.»

Que responda quem souber...

NOTÍCIAS PESSOAIS

Esta nesta cidade, tendo-nos dado a honra da sua visita, que agradecemos, o sr. dr. Agostinho Lucio e Silva.

—Encontra-se em Lisboa a sr. D. Elvira Lima, filha do despachante da Alfândega de Faro, sr. Francisco Pedro de Lima, que ali está em tratamento no instituto bacteriológico Camara Pestana.

—Está novamente nesta cidade o sr. dr. João Carlos Gomes Mascarenhas.

—Está em Lisboa o sr. mpor Encarnação e Sousa, antigo comissário de policia deste districto.

—Foi a Lisboa, onde pouco se demora, o sr. dr. Silvestre Falcão, desta cidade.

—Por motivo de serviço esteve em Lisboa, retirando já a reassumir as suas funções o nosso com-provinciano sr. Jacintho Parreira, sub-inspector de finanças do districto de Castelo Branco.

—Está nesta cidade de visita a seus pais, a sr. D. Laura Carapeito Santos, esposa do sr. dr. José Antonio dos Santos, notario em Portimão.

—Está em Lisboa o sr. dr. João Franco Pereira de Matos.

—Tem estado doente a esposa do sr. Armando Marques, comerciante desta cidade.

—Tem guardado o leito com

IMPRESSIONES DE VIAGEM

DE LISBOA A MACAU

Em 22, com o consul, visitamos um outro restaurante, muito mais chic do que o «Portolla» cujo nome nos não ocorre agora. N'ele vimos as mesmas mômices e guaiachos do regente da orquestra e executantes, a mesma *schimnie* etc. A diferença era apenas no maior luxo da casa, cujos melhores freguezes são do corpo consular, e nos preços exageradíssimos. Um calice de benedictine... sem alcool custou nos apenas meio dollar mas, na verdade, não tinha alcool. Era apenas gelo pisado aromatizado com algumas pingas de verdadeiro benedictine.

Também visitamos o Golden Park de S. Francisco, que na ocasião continha no seu recinto alguns milhares de crianças entre as a diversos jogos sportivos. De envolta com elas, vimos meninos da nossa idade e mais crescidinhos, brincando nos lagos com pequenos barcos de vela, espectáculo que muito nos enterneceu. Em parte alguma encontramos parques de relva tão verde e bem tratada. E toda cortada de forma muito caprichosa—extensos talhões em riscas diagonaes ou em xadrez—o que produz um belo efeito.

O Jardim Zoologico anexo, tem alguns exemplares de antilopes muito formosos.

Encontrámos a vida da California encantadora, comparada com a de New-York. Na primeira abundam as flores e mercados onde podem adquirir-se, na segunda só vimos raras flores artificiaes.

Ouvindo a alguém que os francezes ainda haviam de arrependere-se do auxilio militar que a America lhe prestou, pela licenciosidade dos costumes americanos, certamente introduzidos em França, ficamos boquiabertos, pois sempre temos lido e ouvido chamar a Paris—a cidade do prazer e do vicio...

A pessoa que falava e conhece os americanos como os dedos, increpou-nos dizendo, mais ou menos: Não faça essa cara; creia que a austeridade americana é absolutamente postica—não ha nenhum tão devasso como um devasso americano. Em 31 de dezembro por exemplo, em todos os hotéis, tem lugar uma monstrosa reunião; os bilhetes para ela disputam-se muitos m-zes antes e entre

um ataque de influenza, o sr. dr. Filipe Baião.

—Com sua esposa regressa hoje de Lisboa o director das obras publicas deste districto, sr. dr. Pestana Girão.

—Está em Lagos, de onde regressa amanhã, o nosso colega Caetano de Sousa.

—Regressou hontem de Lisboa o sr. conego Marcelino Franco.

—Depois de ter deixando sua filha no collegio em Beja, seguiu para Lisboa o coronel sr. Pires Viegas.

Contra a debilidade

Recomendamos a *Farinha Peito ral Ferruginosa de Franco*, por estar legalmente autorizada e privilegiada, e por ter merecido as medalhas d'ouro das exposições: garantindo a sua efficacia milhares de medicos e doentes que a tem usado, creanças e pessoas de estomago debil ou que pretendam um lunch ou refeição facilmente digerivel, cuja acção pode realcearse com um calix de Vinho Nutritivo e carne.

Congresso Regional Algarvio

Para tratar de assuntos referentes a realisação do segundo Congresso Regional Algarvio, reuniram na sexta feira, a convite do governador civil deste districto sr. dr. José Francisco Coelho, no seu gabinete, sob a presidencia do sr. dr. Agostinho Lucio, os representantes da camara municipal e da imprensa desta cidade.

Ficou apazada outra reunião, onde definitivamente se fixará os dias em que o Congresso deverá ter lugar.

Dospedida

Maria de Jesus Nogueira A gue do, não tendo podido despedir-se por falta de tempo, das pessoas das suas relações e amizade que durante a sua estada em Faro a visitaram e se interessaram pela sua saude, vem por este meio agradecer a todas, oferecendo a sua casa em Lisboa, nas Escadinhas da Praia, 1.

Faro, 10 de Abril de 1920.

os seus freguezes habituaes. Abre sempre por um jantar, findo o qual começa um baile. A' meia noite, apagam-se as luzes repentinamente, por espaço de 3 a 5 minutos; quando voltam a acender se vemm-se cousas fantasticas, que se você as visse, como eu, fariam não acreditasse na austeridade americana. Mulheres da alta sociedade com as fitas que lhes seguran nos hombros o decote, caidas, seminuas, dançando o *can-can*, de saias enroladas á cintura e... muitas outras cousas pavorosas e a bacchanal continua até manhã alta...

Assim acabou a nossa conversação na noite de 23, vespera de embarque para o Japão. Razoões muito especiaes nos levaram a acreditar na veracidade do que nos fora dito.

No dia seguinte, depois do almoço, paga a conta do hotel, e lançadas na correio cartas para a familia e amigos tomamos um automovel que nos conduziu ao caes 37 onde se encontrava o «Persia Maru». Verificados os nossos passaportes, transporemos a ponte lançada para terra e entramos no vapor, com o credo na boca, como costumava dizer-se, em consequencia das pesadas informações que nos tinham dado do barco e tripulação.

Vimos logo que, embora anti-quado (peritencia anteriormente a uma companhia inglesa) era bastante comodo, e ficamos satisfeitos com o esplendido camarote que nos distribuíram—amplo e muito arejado por duas vigias, e com ventoinha. Chamou-nos a atenção um quadro que encontrámos no camarote de onde constava que a companhia se não responsabilava pela vida, haveres e mau tratamento dos passageiros. Bem vistas as cousas concluímos que só tinha que receber a importância das passagens e... deixava correr o marim. Teria razão o nosso informador ou diria a Companhia o que acabavamos de ler, para se ver livre da infame exploração das indemnisações que tanto seduzem alguns europeus que não sabem como elas se caçam e pagam na Livre America? Optámos pela segunda conclusão que é a verdadeira.

(Continua)

Vieira Branco.

HA 44 ANOS

D'«O Districto de Faro» de 13 de abril de 1876

No teatro 1.º de Dezembro de 1640 teremos mais brevemente recita constituída pela representação das lindas comedias *Ultima moda* e *Diferentes educações*.

—Está a ensaios no teatro *Leões* a opereta em um acto *O Visconde*.

—Benzeu-se hoje a armação para pesca de atum de direito no cabo de Santa Maria, celebrando ali uma missa o sr. beneficiado João Baptista Lopes.

—Na segunda feira comungaram os presos e foram visitados os enfermos da freguezia da Sé assistiram ao primeiro daquelles actos os srs. juiz de direito, delegado do procurador regio, advogados, escrivães e mais empregados da comarca.

—Foram realizadas nos dias 6 e 7 as procissões de Nossa Senhora das Dores e do Triunfo, cuja celebridade data de tempo remoto e é mais do que justifica da pelo esplendor que apresentam. Efectivamente, o mino e acurada disposição de innumeras e variadissimas flores artificiaes, irreprezivelmente imitadas das naturaes e matissas, com suma perfeição nos andores, o brilho das custosas e delicadas bordaduras das sanefas que os decoram, a riqueza de outras alfaias e paramentos, o bem acabado das imagens dos santos, e asseio com que estas se achavam vestidas, a ordem e a regularidade em que vão dispostas extensas alas de irmãos das ordens de S. Francisco e de Nossa Senhora do Monte do Carmo, tudo isso concorre para que aqueles dois actos ostentem galas de lambraes.

—Segundo consta a *Liberdade*, de Portimão, chegou em Lisboa o sr. padre José Nunes Chaves, daquella vila.

—No dia 30 de março faleceu a esposa do sr. João Augusto Felripa,

POR ESSE MUNDO

França

Também no parlamento francez se grita bem alto, que a França val perdendo a fé no «Teatro da Paz». Entende o sr. Barthou, e entende muito bem, que para a Alemanha, Poder cumprir as suas clausulas, é necessário que os aliados ajudem e facilitem o seu resurgimento, sem contudo depositarem inteira confiança na boa disposição da sua inimiga de ontem.

O Senhor Barthou, diz que durante mais de um ano, os aliados enviaram notas energicas á Alemanha, notas que foram sempre assiladas pelos senhores Clemenceau e Millerand, enquanto que as notas fazendo concessões, ou reconhecendo atenuantes, foram todas assiladas pelo governo inglez.

Barthou acusa Llyd George de, merço da sua politica de atenuantes e concessões, estar colhendo frutos na Alemanha, depois de os colher na propria Inglaterra com a sua politica energica, nas ultimas eleições. *Joga bem, quem mais triunfos tem.*

Inglaterra.

Segundo o «Daily News», o rei Jorge vai entregar pessoalmente á cidade de Ypres, a «Cruz Militar Britanica. O sector de Ypres pertencia ao Exército inglez. Os maiores

ataques deram-se em novembro de 1917. O mais importante de todos deu-se quando Infantaria 4 entrou na linha inglesa (D. 1.º D'Spos) para instrução.

Durante mais de oito dias e oito noites, com um fogo ininterrupto de artilharia, os inglezes bateram as posições alemães, conseguindo por fim conquista-las á custa d'uma soma consideravel de sacrificios de toda a natureza, tendo a heroica cidade manifestado em todos os transeis, a mais extraordinaria coragem e abnegação.

Espanha.

Na semana passada, em Madrid, deram-se graves desordens, havendo colisões entre uma compacta manifestação que se dirigia ao ministerio do interior, e os membros da Acciua Ciudadana; compareceu a guarda civil a cavallo, havendo a registar muitos ferimentos.

—Nas Asturias produziram-se graves desordens entre os operarios socialistas e catolicos; morreram 11 pessoas e ficaram 35 feridas.

Consta que em toda a região das Asturias vai ser declarada a greve geral. *Quem tem telhados de vidro.*

Inglaterra.

Lavra grande descontentamento nos meios officiaes pela acção separada da França no questão do Ruhr.

Agradecimento

Francisco Coelho de Vilhena e sua esposa, Guilhermina Coelho de Vilhena, agradecem, penhoradamente, aos entendidos e justamente considerados clinicos que trataram e curaram esta da enfermidade gravissima que a acometeu, ex.ªs srs. drs. Candido de Sousa Galvão de Mello, assistindo-lhe aquelle emquanto não teve de ausentar-se de Faro e no cumprimento de deveres indeclinaveis, este logo depois.

São inolvidaveis as suas atenções e desvelos, que bem gravadas nos ficaram na mente.

A's damas e cavalheiros que então nos visitaram ou procuraram saber interessadamente da marcha da doença, manifestamos o nosso intimo reconhecimento.

NOTÍCIAS VARIAS

Nos primeiros mezes de 1919 a importação de productos portugueses no Brazil subiu a 20.164.990 mil réis.

—Segundo dados officiaes fornecidos pelo comando supremo do exercito italiano, a Italia teve na guerra 507.169 mortos; 962.196 feridos, e mais de 500.000 invalidos.

—Os Armazens do Chiado e Grandela, Lisboa, vão por estes dias vender 30.000 pares de botas de lona que o governo conseguiu que fossem fornecidas por duas fabricas do paiz.

—Com a bonita idade de 114 anos faleceu em Rebordões, conselho de Santo Tirso, uma mulher de nome Ana Maria da Silva.

—Com a regulamentação do Tratado de Paz, em Portugal e Alemanha, vão regressar muitos subditos alemães que se haviam internado na Hespanha, alguns dos quais com cargos officiaes e gerencia em companhias diversas.

—A canhoira «Quanga» vai ser empregada na fiscalisação durante a temporada da pesca de atum na costa algarvia.

—Tem tomado proporções a epidemia da gripe no Japão. Mais de um milhão e meio de pessoas tem sido atacadas, tendo havido 67.852 obitos.

36 em Tokio faleceram 8.000 pessoas.

—Vão ser sindicados todos os celeiros municipaes que terminaram o seu mandato, a fim de se verificar os lucros que tiveram, o destino dado a esses lucros e a situação dos mesmos celeiros para com o Estado.

—O sr. ministro da agricultura apresentou uma proposta de lei autorizando aquele ministerio a dispendir até mil contos para aquisição de propriedades rurales.

—Entre as propostas de lei que o governo vai apresentar ao parlamento vão as que se referem á organização de cooperativas, ao funcionamento das associações de classe e á remodelação da lei basica das associações de socorros mutuos.

—Foi prorogado por oito dias o prazo dos concursos para professores fctivos dos liceus, que tinha terminado durante a greve telegrapho postal.

—A Associação Central da Agricultura Portuguesa vai promover um concurso de gado, turino.

—Dentro ainda do presente mez será posto em vigor um novo horario nas linhas ferreas do sul e sueste.

Hade ser peor do que o que está, com certeza.

Dedicado a minha saudosa amiga Maria de Passos Pinto

Já se lá foi o tempo em que eu vi muito contente num repouso solitario, mas por meus pecados vim a tantos trabalhos que parece que desferiram sobre mim todas as balas. Porque a saudosa memoria do prazer, e dos bons passados, acrescentam-me a máguia da tristeza dos males presentes. Assim para maior máguia da inquietação que tenho, apresento-me ante os olhos a quietação que tive; cuja saudade me faz muitas vezes desfazer os olhos em lagrimas coisa em que ela faz experiencia de sua dor. E esta é a causa da canseira do meu espirito.

Mas, prasa a Deus, que estes meus trabalhos tenham fim.

Maria da Conceição Silva de Sousa Corraia

Concessão de terrenos

Informa *O Seculo* que o sr. ministro do commercio recusou a sua assinatura no processo de concessão de um largo trato de terreno junto da estação do caminho de ferro desta cidade, á Companhia Colonizadora Africana.

Os terrenos da gorada concessão são os compreendidos entre a doca caminho de ferro e o moinho da Torrinha, na ria desta cidade.

Neerologia

Faleceu em Portimão o sr. visconde da Rocha, de 83 anos de idade.

Exerceu varios cargos administrativos, e pelo seu caracter era muito estimado naquela vila, de onde era natural.

Era pre do sr. Frederico da Paz Mendes, a quem enviámos as nossas condolencias.

—Pelo falecimento de seu sogro, sr. Hctor Dias, occorrido em Lagos na sexta-feira, está de luto o nosso colega Manuel Caetano de Sousa.

Acompanhando-o no desgosto que o enluta, abraçamo-lo muito affectuosamente.

—Faleceu em Silves a menina Catharina, de 9 anos, filha do comerciante sr. Francisco do Carmo Hermenegildo.

Guarda Nacional Republicana

Edital

O Conselho administrativo do Batalhão n.º 10 faz publico que no dia 25, pelas 13 horas, proceder-se-ha no quartel da 1.ª Companhia em Faro á venda em hasta publica de cinco cavalos julgados incapazes.

Quartel em Evora, 14 de Abril de 1920

Pelo Presidente do Conselho Joaquim Filipe Aboim

CALDEIRAS DE DESTILAR

Quem tenha para vender derija-se para Beja a Antonio da Graça Moraes.

Terenos de regadio e pinhal

VENDEM-SE situados nos concelhos de Faro e Loulé.

Informa-se na tipographia desta orna.

CARBORETO

De qualidade garantida, vende-se para entrega imediata.

Dirigir a Antonio Coelho Cabanita—FARO.